

UMA PAUSA PARA FALAR DE LITERATURA E VIOLÊNCIA

Regina Simon da Silva (UFRN)*

reginasimonsilva@gmail.com

Claudia Luna (UFRJ)**

luna400@gmail.com

Marybel Soto-Ramírez (UNA – Costa Rica)***

marybelsoto09@gmail.com(Editoras *ad hoc*)

* Professora Associada de Língua e Literaturas Hispânicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Possui Pós-doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018), opção Literatura Hispano-americana, tendo parte da pesquisa realizada na Universidade de Buenos Aires, Doutorado (2008) e Mestrado (2003) em Literaturas Hispânicas pela UFRJ e Graduação em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (1987). Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, na área de Literatura Comparada, linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural. Desenvolve estudos de obras literárias e suas relações entre literatura, história e cultura, no âmbito das literaturas brasileira e hispânica, principalmente sobre os temas: mulher e feminismos, memória, utopia, relatos de viagem, transculturação e alteridade. Coordenou os Projetos de Pesquisa “A presença feminina na formação das nacionalidades e a produção literária escrita por mulheres, no século XIX, na América Latina” (2013-2017) e “O *Jornal das Senhoras e Álbum de Señoritas*: a imprensa feminina de Juana Paula Manso” (2020-2023). Traduziu para o português a obra *La familia del Comendador*, da argentina Juana Manso. Foi Diretora do Instituto Ágora de outubro de 2012 a outubro de 2014. Atualmente, é vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN.

** Professora Titular de Literatura Hispano-americana da UFRJ. Pós-Doutorado em História da América pela USP. Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas pela UFRJ e pela UBA (Universidad de Buenos Aires (Bolsa PDEE CAPES). Mestrado em Letras Neolatinas pela UFRJ (1989). Bacharelado e Licenciatura pela UFRJ (1982). Chefiou o Diretório de Pesquisa MAR (Modernidade/Alteridade/Representação - 2003-2020) e coordena os Projetos de Pesquisa “Palavras em riste: luta, discurso e imaginário de e sobre mulheres Latino-americanas” (início em 2020) e “Poéticas ameríndias, feminismos e dialogismo intercultural” (início em 2023). Participa do GT Mulher e Literatura (ANPOLL), da Rede de Estudos Andinos e do CEMHAL, onde é uma das coordenadoras do GT sobre Mulher e Interculturalidade e do GT de Traduções e Edições Críticas de obras de Autoria Feminina. Atua na área de Letras, com ênfase em Literatura Latino-americana, priorizando os temas: imaginário e representação, literatura hispano-americana, literatura e história, literatura de autoria feminina e formação dos imaginários nacionais, indigenismo e protagonismo indígena, heterogeneidade e interculturalidade, gêneros híbridos, historiografia literária e revisão do cânone, a partir do século XIX. Bolsa de Produtividade em Pesquisa - PQ 2015 CNPQ (2016 a 2019). Foi Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ no biênio 2018-2020.

*** Acadêmica investigadora en Universidad Nacional de Costa Rica y Directora del Instituto de Estudios Latinoamericanos. Licenciada y máster en Estudios Latinoamericanos por el IDELA y doctora en pensamiento latinoamericano. Cuenta también con una licenciatura en traducción inglés-español. Investiga sobre Repertorio Americano, revistas culturales y pensamiento latinoamericano desde las mujeres. Recientemente ha incursionado en los temas de edición académica y las redes intelectuales/profesionales que la sustentan. Actualmente funge como vicepresidenta para Centroamérica y el Caribe de la Red de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe, EULAC, desde la cual ha impulsado varios proyectos en pro de la visibilidad y promoción de la producción académica.

Por que, em diversos pontos do mundo, em diferentes épocas, surgem seres humanos capazes de realizar os mais variados horrores contra outros seres humanos?

Jaime Ginzburg (2017)

Impossível responder a esse questionamento apresentado por Ginzburg em seu livro *Literatura, violência e melancolia* (2017) sem pensar em outras perguntas: sendo a violência um ato tão cruel, que causa tanta dor, por que a literatura explora esse tema desde os seus primórdios? Que prazer se pode obter na leitura de um livro, uma poesia ou na apreciação de uma obra de arte, um ato de violência que expresse o sadismo?

Slavoj Žižek, na introdução de seu livro *Violência* (2014), oferece um caminho, contando-nos uma piada soviética sobre Lenin, que começa com suas sábias palavras direcionadas aos jovens sobre o socialismo, dizendo que estes deveriam “Estudar, estudar, estudar” (Lenin *apud* Žižek, 2014)¹. Mas a piada, na verdade, vem depois, conforme nos conta Žižek:

Perguntam a Marx, Engels e Lenin o que prefeririam ter – uma esposa ou uma amante? Como seria de se esperar, Marx, bastante conservador no que dizia respeito à esfera privada, responde: “Uma esposa!”, enquanto Engels, um autêntico *bon vivant*, opta por uma amante. Para surpresa geral, a resposta de Lenin é: “Gostaria de ter as duas!”. Por quê? Haveria nele um traço de *jouisseur* decadente, escondida por trás de sua austera imagem de revolucionário? De maneira alguma – e Lenin explica: “Assim eu poderia dizer à minha mulher que vou ter com minha amante, e à minha amante que preciso ver minha mulher...”. “E aí iria pra onde, então?”, “Para um lugar isolado, onde pudesse estudar, estudar e estudar!” (Žižek, 2014)².

O filósofo, psicanalista e respeitado teórico na atualidade extrai dessas palavras sua visão sobre a violência: “é isso que devemos fazer hoje, quando nos vemos bombardeados pelas imagens midiáticas da violência. Precisamos ‘estudar, estudar, estudar’ *suas causas*” (Žižek, 2014, grifos em itálico nossos)³. Žižek chama a atenção para a necessidade de se estudar as causas que levam a humanidade a praticar a estupidez da violência, e nesse caminho ele sugere que a primeira “tarefa é precisamente *mudar de assunto*, passar do desesperado apelo de SOS humanitário para acabar com a violência à análise desse outro SOS, que é a interação complexa

¹ A fonte consultada não é paginada.

² A fonte consultada não é paginada.

³ A fonte consultada não é paginada.

dos três modos de violência: subjetiva, objetiva e simbólica” (Žižek, 2014)⁴, ou seja, entender e procurar sanar a origem do problema ao invés de remediar os danos causados.

Essa preocupação com as questões sociais que levam a violência também é esboçada no pensamento de Rosa Luxemburgo, contemporânea de Lenin. Segundo o biógrafo Paul Frölich (2019, p. 198): “Ela tinha tanta vontade e energia quanto solidariedade com o sofrimento das massas; era movida pelo forte impulso de pesquisar a fundo as causas dos fenômenos sociais e não se deixava intimidar por nenhuma consequência do conhecimento”. A pesquisa e o conhecimento faziam parte da militância de Rosa Luxemburgo, e foi assim, pensando no outro, que ela se tornou uma revolucionária.

Porém, voltando à anedota apresentada por Žižek sobre Lenin, não podemos deixar de observar e fazer uma ressalva, para certa conotação sexista, que é uma das causas da violência de gênero que devemos combater, e é debatida em grande parte dos artigos que compõem este *dossiê*. Mas ao mesmo tempo, as palavras nos remetem à Virginia Woolf, pois, assim como Lenin precisava de um espaço só para si, para poder estudar, Woolf, em 1928, fala da mulher e da necessidade de ter um espaço próprio para desenvolver a sua escrita: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (Woolf, 2014, p. 12). O patriarcado atua fortemente para essa condição de dependência da mulher, que leva, muitas vezes, a um quadro de violência.

Pensando em como a violência reverbera na literatura, Ginzburg apresenta situações que induzem à violência e à hostilidade, como o crescimento da miséria, exploração de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, discurso de ódio, racismo, intolerância religiosa, machismo, agressões por homofobia, por xenofobia, violência, o que, segundo o autor, “ganha uma configuração muito peculiar quando aproximada do conceito de melancolia” (Ginzburg, 2017)⁵, quando o ato de violência tenha como resultado uma perda. A literatura procura expressar esse sofrimento, aproximando realidade e ficção, esteticamente.

⁴ A fonte consultada não é paginada.

⁵ A fonte consultada não é paginada.

A violência, independente da forma como ela se manifesta, seja física, psicológica ou simbólica, faz suas vítimas em “corpos subjugados”, gerados, muitas vezes, das situações elencadas anteriormente. Para Perrot (2005, p. 447), “O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica”. Podemos expandir essa assertiva e dizer que não só o corpo das mulheres, mas o de todos os indivíduos – e por que não incluir também os animais? – são alvos de relações abusivas e de atos violentos, representados, na literatura, por meio de personagens regidos, habilmente, pela batuta de seus narradores.

Com essas palavras preliminares anunciamos com grande satisfação aos nossos leitores a publicação do *Dossiê* “Literatura e violência: trauma, melancolia e resistência”. Neste número temático contamos com a colaboração de vários pesquisadores, mestrandos e mestres, doutorandos e doutores, de diversas instituições do Brasil, que atenderam ao chamado enviando-nos artigos que contemplam as diferentes formas de violência e sua representação nas literaturas, brasileira, hispano-americana, africana, francesa, portuguesa e estadunidense, gerando um conjunto de estudos transatlânticos, o qual passamos a apresentar.

Abrindo os trabalhos temos o artigo – “Manifestações de um trauma: existir e resistir à violência contra as mulheres em *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo” –, de autoria de Paula Grinko Pezzini, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. O texto analisa “as múltiplas formas de violência contra as mulheres para pensar construções sociais brasileiras por meio de lentes que focalizam uma perspectiva diferente da que se edificou por séculos em relação aos corpos femininos”. A pesquisadora conclui que a obra *Mulheres empilhadas* “desafia concepções patriarcais ao representar a luta coletiva de mulheres enquanto possibilidade de resistência”.

Em seguida, em – “*Meu corpo ainda quente: O corpo feminino na obra de Sheyla Smanioto*” –, Maíra Soalheiro Grade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e Antonio Rediver Guizzo, da UNILA, Universidade Federal da Integração Latino-Americana apresentam uma análise do corpo feminino e das relações de poder, que para as mulheres “possui o poder de tolher possibilidades de desenvolvimento pessoal, definindo suas funções sociais na família e na sociedade”. Os autores exploram a ideia de “colonização do corpo feminino”, e veem na obra analisada “a luta

das mulheres pelo exercício de uma cidadania plena, historicamente construída pela reivindicação de uma voz que por muito tempo lhes foi negada”.

O terceiro artigo – “A ‘cultura do estupro’ em Aline Bei e Douglas Stuart: trauma e resistência numa perspectiva comparada” –, de Jorge Alves Pinto e Antonio de Pádua Dias da Silva, ambos da Universidade Estadual da Paraíba, apresenta a análise comparativa das obras de uma brasileira e um escocês/americano, entre dois personagens adolescentes, anônima – de *O peso do pássaro morto* – e Mungo – de *Young Mungo* –, e as diferentes reações vivenciadas, fruto do trauma do estupro sofrido: “Ela definha ao longo da vida e morre; ele procura força para resistir à dor da violação e mata os dois estupradores”.

Analisando a mesma obra da brasileira, em – “O grito mudo: silenciamento e violência contra a mulher em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei” –, de Lanuk Nagibson Araújo Silva e Mauro Dunder, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, os autores procuram observar “como a escritora trabalha a temática do luto, da violência e da melancolia em seu romance e como esses fatores se manifestam na estética do livro”. Apontam como conclusão “que a própria obra de Aline Bei violenta a tradição literária ao inovar a maneira como o livro é escrito”, ou seja, analisam forma e conteúdo como elementos indissociáveis na construção estética da obra.

Seguindo com os trabalhos, temos o artigo – “Literatura, violência e fome: pontos convergentes nas linhas d’*Os sertões*, d’*A bagaceira*, d’*O quinze* e *Pedra Bonita*” –, de Paula Regina Siega, professora visitante da Universidade Estadual de Santa Cruz e da pós-graduação dessa instituição, e também da pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, e de Maria Cláudia Bachion Ceribeli, da Universidade Federal do Espírito Santo. Procura-se, nessa análise, identificar pontos em comum entre as obras, observando como a violência influencia na formação do sertanejo, principalmente nos critérios “a fome e o meio – natural e social – hostil” sem perder de vista a relação entre a literatura e o contexto de sua criação.

Em – “O caminho da desumanização: representação da violência social contra a transgeneridade e cisheteronormatividade no romance *Olho de Boto* (2015)” –, os autores Állan Sereja dos Santos e Antonio Rediver Guizzo, ambos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, analisam na obra *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo, “as representações e figurações da violência contra a comunidade LGBTQIA+, as relações com o conservadorismo e autoritarismo contemporâneos e

do período da Ditadura Civil-Militar”, explorando questões de violências subjetiva, sistêmica e simbólica vivenciadas por uma personagem trans.

No artigo seguinte – “A epistemologia do armário na obra de Natalia Borges Polesso e Lygia Fagundes Telles: as homossexualidades femininas e feminilidades plurais” –, os autores Flávio Adriano Nantes e Ana Clara Hatsumi, ambos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, apresentam uma leitura a partir do conceito “epistemologia do armário, proposto por Eve Sedgwick (2007)”. Nos contos analisados as personagens femininas sofrem com a violência praticada pela sociedade, que não as aceita como são, ou seja, “ninguém, ao sair do armário, passa incólume aos olhos sociais, sobretudo, aqueles pautados pela estrita ‘lei’ cis-hétero”, de nossa sociedade.

Logo depois temos o artigo – “A vítima que se torna sedutora: o crime de rapto e de estupro a partir do romance *A vida em flor de Dona Béja*” –, dos autores Vinícius Amarante Nascimento e Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, ambos da Universidade Estadual de Montes Claros. O texto apresentado analisa a violência de gênero no romance histórico ambientado no século XIX, período “marcado pelo patriarcalismo, estrutura social em que o homem detém o poder, autoridade e privilégios, nesse sistema sociopolítico esperava-se das mulheres a subordinação, sejam elas na condição de mães, filhas ou esposas”, levando o leitor a repensar a desigualdade entre homens e mulheres ao longo da história.

Mudando de gênero literário, mas não de tema, o artigo – “A falsa alegria no *Pequeno teatro da felicidade* (1977), de Márcio Souza” –, de autoria de Antônio Coutinho Soares Filho, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão e do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Maranhão, investiga os “(des)caminhos da política brasileira em períodos autoritários”, na peça *Pequeno teatro da felicidade*, que retrata a Revolta da Cabanagem e as arbitrariedades da ditadura civil-militar. O autor conclui que a peça “mimetiza os regimes opressores em geral e sua gana assassina, mas também a resistência e a luta pela liberdade, tributando à arte um papel fundamental frente à barbárie”.

O gênero dramático também é destaque no artigo – “Violência psicológica ou busca pela felicidade?: uma leitura de *Um judeu na minha cama*, de Lília Silva” –, apresentado por Job Lopes, da Universidade Estadual do Mato Grosso. O estudo aborda a violência psicológica sofrida pela personagem feminina, amante de um rico empresário, representante de uma família tradicional, que mantém por quase vinte

anos um relacionamento extraconjugal com sua amante, “que passa a maior parte da obra isolada em um apartamento, vivendo submissa as ordens e humilhações do parceiro”, um retrato da hipocrisia do patriarcalismo.

Chegando à metade das apresentações deste *Dossiê*, no artigo – “*Onde andaré Dulce Veiga?*, um romance de redemocratização” –, de Juliane Vargas Welter, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a autora busca analisar o romance de Caio Fernando Abreu “como símbolo do processo de redemocratização”. O estudo aborda as relações entre literatura e sociedade, enfocando memória, esquecimento e trauma como categorias analíticas, e suas implicações na estrutura narrativa.

Na sequência, em – “*Sempre foi sobre nós: violência política de gênero no Brasil*” –, as autoras Joelma Araújo Silva Resende e Margareth Torres de Alencar Costa, ambas da Universidade Federal do Piauí, trazem para os leitores o livro organizado por Manuela d’Ávila, que tem como subtítulo “*Relatos da violência política de gênero no Brasil*”. Dos relatos se extrai “que a mulher sofre violências no âmbito político para que ela seja forçada a se retirar do espaço público e a retornar ao espaço privado/doméstico”. As autoras lançam mão das noções da Escrita de si e de gênero para análise dos depoimentos das vítimas dessa agressão.

Posteriormente, no estudo – “*Manifestação da violência contra a criança e sua denúncia na literatura*” –, de Amanda Santos da Silveira Fernandes e Juracy Assmann Saraiva, ambas da Universidade FEEVALE, do Rio Grande do Sul, as autoras investigam “a manifestação da violência, compreendida como toda ação que aniquila ou reduz a dignidade de alguém e que se funda sobre as bases do autoritarismo”. O trabalho, de caráter interdisciplinar, fundamenta-se em estudos da Sociologia, da Antropologia, da Pedagogia e da História para analisar os textos “*Não chore, papai* (2011), de Sergio Faraco, *Cena de rua* (1994), de Ângela Lago, *Fragilidade* (2003), de Jane Tutikian, os quais têm crianças ou adolescentes como protagonistas”. As autoras concluem dizendo que o artigo explicita sentidos da linguagem simbólica e que, ao representar a violência, a literatura manifesta-se contra ela, denunciando sua presença no meio social.

No artigo seguinte – “*Condição catastrófica e embriaguez baudelaireana como motivos em Milton Hatoum*” –, de Rayniere Felipe Alvarenga de Sousa, da Universidade Federal do Mato Grosso, o autor propõe uma análise dos romances *Cinzas do Norte* (2005) e *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, a partir da noção de exposição ao choque – Primeira Guerra Mundial – e das contribuições de

Charles Baudelaire. Como afirma o autor, ele tem um “*insight* responsável pela proposição da embriaguez baudelaireana como resposta a eventos traumáticos, sendo uma consequência das experiências sofridas”. Como resultado da exposição à condição catastrófica temos “o silenciamento e o apagamento”.

Os artigos apresentados ao leitor até o momento têm no seu *corpus* de análise autores brasileiros, e essa foi a metodologia adotada para a organização do *Dossiê*: partimos do nosso espaço – Brasil – para lançar o olhar em outras direções. Porém, no próximo bloco, permanecemos no continente americano.

O artigo – “Violência e patriarcado como faces literárias de uma pedagogia da crueldade na América Latina” –, de Michele Freire Schiffler, da Universidade Federal do Espírito Santo, traz um estudo comparado entre três obras literárias de autoras contemporâneas: *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (Brasil); *Romance Negro com Argentinos*, de Luisa Valenzuela (Argentina); e *Jamais o Fogo Nunca*, de Diamela Eltit (Chile). A autora faz uma leitura crítica das obras em que “demonstra que a violência exercida sobre o corpo feminino desde o processo de conquista incidiu determinantemente em marcas de uma pedagogia da crueldade (Segato, 2018) que reverbera na reprodução da violência de gênero no contexto sociocultural da América Latina”.

O próximo trabalho também estabelece uma análise comparativa; estamos falando do artigo – “Reescritas da violência de Estado nas literaturas peruana e brasileira” –. Os autores Sonia María Chacaliaza Cruz e Paulo Roberto Alves dos Santos, ambos da Universidade Estadual de Santa Cruz, analisam a representação da violência estatal nas produções de Karina Pacheco Medrano (Peru) e Jeferson Tenório (Brasil), tendo como objetivo “demonstrar que os corpos dessas/es sujeitas/os são considerados pelo Estado como “campos de guerra” que devem ser (re)invadidos para manter a ordem social”. Nesse diálogo, as narrativas procuram preencher as lacunas das histórias oficiais, especialmente “de ações do aparato militar contra a população”.

Em – “Tristes quadros da escravidão: violência no romance *La familia del Comendador*, de Juana Manso” – as autoras Maraysa Araújo Silva e Regina Simon da Silva, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, trazem a curiosa história de um livro publicado na Argentina, mas ambientado no Brasil do século XIX. O trabalho consiste em analisar os episódios de violência física no romance que

“revela a dura face da escravidão e o racismo enraizado na sociedade brasileira oitocentista”, com foco nas personagens femininas.

Permanecemos na Argentina para trazer o artigo – “Marcas da violência de Estado: apontamentos sobre ‘Una sola muerte numerosa’, de Nora Strejilevich” –, das pesquisadoras Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva, Raquel de Araújo Serrão e Érika Bezerra Cruz de Macedo, todas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. O estudo visa a demonstrar a representação da violência ditatorial de Estado, “considerando o fato de a linguagem nesse tipo de romance ser revestida de um viés revisionista”. As autoras apontam como resultado “a necessidade de se trabalhar a literatura contemporânea na sala de aula, por meio da qual se pode observar a experiência do humano em sociedade, sobretudo em regimes totalitários, os quais sempre ameaçam voltar”.

Ainda tratando da literatura argentina, apresentamos o artigo – “Violência e consumo de corpos na distopia *Saboroso Cadáver*, de Agustina Bazterrica” –, das autoras Priscila Costa e Liane Schneider, ambas da Universidade Federal da Paraíba. O artigo analisa uma narrativa distópica em que, na impossibilidade de se consumir carne animal, “os governos do mundo legalizam a criação e reprodução de seres humanos como animais de abate e somos gradualmente apresentados ao funcionamento de uma sociedade em que o canibalismo é legalizado”. As autoras partem do conceito de realismo capitalista proposto por Mark Fisher para discutir “a instrumentalização da linguagem e a representação da violência de gênero”.

Cruzando o Atlântico chegamos à África, continente que tem produzido uma das literaturas mais representativas na atualidade, recebendo o reconhecimento com alguns Prêmios Nobel de literatura.

Essa viagem nós fazemos sem abandonar a América, uma vez que no artigo – “Aos corpos desfeitos, o refazer” –, Linda Maria de Jesus Bertolino, da Universidade Estadual do Maranhão, e Leocádia Aparecida Chaves, da Universidade de Brasília, fazem uma análise comparada entre as narrativas *Corpo desfeito* (2022), da brasileira Jarrid Araes, e *Hibisco roxo* (2011), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. As autoras analisam “como corpos de mulheres negras e/ou não negras são desumanizados e, por isso, desfeitos e violentados por práticas etnocêntricas e universalistas machistas e religiosas [...]. Corpos que, mesmo deprimidos e subjugados, suspendem o seguimento de vida controlada, irrompendo, pois, contra a lógica do despojo; o que denuncia um refazer”.

Definitivamente no continente africano, o artigo – “O fio da violência conjugal nas narrativas de Mia Couto” –, de Aline Teixeira da Silva Lima, da Universidade de Brasília, aborda a questão da violência de gênero e a submissão da mulher frente à dominação do homem, visando a analisar a representação da violência conjugal nos contos “Os olhos dos mortos” e “Meia culpa, meia própria culpa”, que compõem a obra *O fio das miçangas* (2004), do escritor moçambicano Mia Couto. O texto problematiza “a representação da dor do outro e do posicionamento das mulheres diante de situações de violência nas narrativas em questão, além de observar os possíveis desfechos trágicos para tais relações abusivas”.

Em – “Colonialismo, racismo e a demonização do corpo negro: uma possível leitura do conto *O Diário de Manua*, de Ungulani Ba Ka Khosa” –, de Rodrigo Santos Dultra e Ivan Maia de Mello, ambos do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, os autores analisam a obra do também moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, que “revisita o passado documentado de Moçambique, a partir das memórias e de estórias tradicionais”, sendo que seus textos caminham “na contramão das versões oficiais”. O artigo objetiva “evidenciar as discussões sobre o racismo e a demonização dos africanos presentes no conto, além de trazer *à baila* situações vividas por estes povos durante a colonização portuguesa”.

Na sequência, – “A corrente que enrolaram no pescoço de mama. O sangue pingando na terra’: a violência gerada pela Ofensiva em *Filhos de sangue e osso*” –, as autoras Hélia da Silva Alves Cardoso e Nathalia Oliveira de Barros Carvalho, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, analisam a obra de Tomi Adeyemi. Embora a escritora seja estadunidense, optamos por incluir o artigo neste grupo por ser sua autora de origem nigeriana e o livro em questão totalmente ambientado na Nigéria. O artigo visa a observar a violência gerada após uma violenta Ofensiva contra um reino que passa a ser dominado por um regime “totalitário e ditatorial”. Na obra, os atos violentos são descritos e exibidos de três formas: “física, psicológica e simbólica”, com o intuito de eliminar “toda a população de maji do reino de Orisha”.

Representando a dinâmica dos deslocamentos migratórios África/Europa, o artigo – “Um intelectual periférico em Paris: trauma e criação em *Une Mélancolie Arabe*, de Abdellah Taïa” –, de Júnior Vilarino, da Universidade Federal de Viçosa, aborda as relações entre trauma, melancolia e criação artística de um marroquino domiciliado em Paris. O autor analisa as experiências do narrador-personagem,

“oriundo de um país periférico ao vivenciar o luto de sua origem e da idealização cultural do país hospedeiro [...] debatendo, durante viagens de retorno a países árabes, a idealização da capital francesa como referência de formação intelectual”. Nesse debate, “o narrador vê-se confrontado com a frustração imaginária encarnada pelo corpo e pela língua do outro, terminando por reinventar seu lugar como escritor francófono”.

Desembarcando de vez na Europa, em – “Valle lacrimarum: violência e patriarcado em ‘Marido’, de Lídia Jorge” –, penúltimo artigo que compõe este *Dossiê*, Aline Setúbal da Silveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, analisa a representação da violência patriarcal assim como os aspectos formais da narrativa. A pesquisadora observa “que o discurso religioso cristão, entremeado ao longo da narrativa, evoca a ideia do casamento como algo indissolúvel e sacramentado”. Por meio da reiteração lexical percebe-se que a protagonista necessita de proteção por estar “imersa em um espaço confinado e (violento)”. A leitura do conto “Marido” possibilita ver “alguns operadores patriarcais do silêncio e da submissão da mulher”.

Fechando a apresentação deste *Dossiê*, e também o círculo que foi pensado para a organização dos artigos, em um movimento de ouroboro, o último trabalho une as duas pontas – Portugal e Brasil – retornando ao ponto de partida e reafirmando o diálogo dos estudos transatlânticos entre as literaturas aqui apresentadas.

No artigo – “O marinheiro (1915/1983): uma leitura comparada entre Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu” –, Monalisa Antonia Penteado, pesquisadora independente, e Keli Cristina Pacheco, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, fazem uma leitura comparada entre a novela *O marinheiro* (1983), de Caio Fernando Abreu e o poema dramático homônimo (1915), de Fernando Pessoa. As autoras destacam que, embora as obras se distanciem no tempo e na tradição, modernismo português e pós-modernidade brasileira, essas obras “aproximam-se na intensidade e delicadeza ao retratar, num ambiente onírico, as angústias e anseios do ser humano diante da existência e do desconhecido”. Com esse olhar, elas observam, com base nos estudos de Silviano Santiago, “as implicações da hierarquização da literatura, a diferença entre o discurso que parte do contexto do colonizado e do colonizador”, e que “o sentimento de inferioridade diante da metrópole e a negação da possibilidade de originalidade do discurso do colonizado”, tão discutidos na historiografia literária, é um “nó do qual a obra de Abreu se desvencilha”.

Finalizando as apresentações, gostaríamos de agradecer, em nome da equipe que compõe a *Revista Odisseia*, a todas as pessoas que atenderam ao chamado para a publicação deste *Dossiê*, que acreditaram e confiaram no nosso trabalho, e no nosso compromisso para com a divulgação científica de qualidade. Agradecemos, principalmente, aos autores e autoras, aos pareceristas, do corpo editorial e os *ad hoc*, sem essa contribuição nós não existiríamos.

Por fim, agradecemos a todos pela paciência por aguardar esta publicação, o volume de trabalho foi maior do que o esperado, o que confirma a pertinência do tema proposto. Da mesma forma, esperamos que o prazer da leitura ocorra na mesma proporção.

Desfrutem da leitura e divulguem nossos trabalhos!!

Referências

FRÖLICH, Paul. *Rosa Luxemburgo: pensamento e ação*. Trad. Nélio Schneider; Erica Ziegler. São Paulo: Boitempo; Iskra, 2019.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Souza; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência* [livro eletrônico]: seis reflexões laterais. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo Editorial/Le Livros, 2014.